

DF Comércio
Vendas não param de cair. Nem o tradicionalmente bom mês de maio recuperou a tendência que deve ser mantida

MORTE LENTA DO COMÉRCIO

Karina Falcone
Da equipe do **Correio**

Não tem mais tempo bom para o comércio do Distrito Federal. A queda registrada nas vendas durante os primeiros meses deste ano, com o acumulado em 32,02%, continuou em maio. O mês das mães e das noivas, que tradicionalmente serve para reabilitar o setor, teve o índice de vendas em -1,8%. Os números estão na pesquisa realizada pela Federação do Comércio do Distrito Federal (Fecomércio), comparando os meses de abril e maio.

Os comerciantes, que apostavam

em dias melhores para maio, preferem, agora, acreditar no pior. Isto é, mais estatísticas negativas em junho e julho. Nem a perspectiva de vendas extras com a chegada da Copa do Mundo está animando os donos de lojas.

“Se as vendas não melhoraram em maio, que historicamente é um ótimo mês para o comércio, dificilmente vai mudar em junho. A Copa do Mundo pode ser um fator positivo, mas acredito que não terá força suficiente para mudar o quadro do setor”, lamenta o vice-presidente da Fecomércio, Adelmir Araújo Santana.

De abril para maio, apenas seis

segmentos do comércio conseguiram atingir uma média positiva de vendas. Entre eles, floricultura (5,63%), calçados (3,71%), perfumarias (2,15%) e vestuários (2,05%), por razões específicas da época. Só que esse aumento não foi o suficiente para reverter o quadro geral, e o mercado do DF continua em crise.

DESEMPREGO

Para o problema do comércio local, o vice-presidente da Fecomércio aponta causas “conjunturais”. O alto índice de desemprego, a defasagem nos salários dos servidores públicos, que há 42 meses não têm qualquer reajuste, e as taxas de juros, diz Adelmir Santana, são os fatores que estão impedindo que o consumidor do Distrito Federal gaste dinheiro no comércio.

As empresas que vendem materiais de construção são umas das mais prejudicadas. Em maio, a queda nas vendas chegou a 7,87%. “A gente está assistindo à morte lenta do comércio do Distrito Federal”, prevê o comerciante Lívio Pereira dos Santos.

Comparando o mês de maio de 1998 com o de 1997, Lívio avalia que as vendas na sua loja caíram em aproximadamente 20%. Das 29 lojas que formavam o grupo de franquias da Polar Tintas, formado há três anos, o comerciante diz que só restam 22. O grupo, que antes empregava 223 pessoas, agora tem 90 funcionários. “Com tanto prejuízo, a nossa única alternativa é cortar custos”, explica.